

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O ARQUIVISTA MÁRIO DE ANDRADE: DIMENSÕES POLÍTICAS DE SEU ARQUIVO E DE SUA PRÁTICA ARQUIVÍSTICA

Dr. Manoela Hoffmann Oliveira
Pesquisadora independente
manoela.hoffmann@gmail.com

Mário de Andrade (1893-1945) é o artista e intelectual cuja herança é a mais bem cuidada, estudada e preservada na história da cultura brasileira. Trabalhos sobre o Modernismo e particularmente sobre Mário de Andrade são realizados há décadas a partir da abundância documental de seu acervo, na divulgação de sua correspondência e no estudo de sua marginália. Sob este aspecto já se apresenta uma das principais funções do arquivo, que de certo modo tornou-se corriqueira a ponto de sua dimensão política ser quase subestimada: a função do arquivo enquanto laboratório de pesquisa¹.

No Brasil, a ideia de organização e preservação do patrimônio histórico e cultural inicia justamente com ações vigorosas de alguns modernistas de 1930, dentre os quais destaca-se Mário de Andrade. De certa forma, Mário de Andrade inaugura, a partir de sua própria experiência, a constituição e o cuidado com acervos e arquivos literários, ainda que a ação institucional sistemática e vinculada à produção de conhecimento só tenha surgido quase duas décadas após a sua morte, a partir de 1962, com a criação do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), local onde o acervo do próprio Mário de Andrade será abrigado a partir de 1968.

O arquivo literário de Mário de Andrade é híbrido tanto quanto à organização como quanto à composição. Quanto à organização, ele possui características de arquivo privado e também de arquivo público (arquivo, museu e biblioteca), quanto à composição, nele se reúne tudo que se refere à fundação de uma tradição brasileira, à memória da brasilidade. Como pesquisador, Mário de Andrade partilhava seus arquivos com outros

¹ O Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo, onde o arquivo está sediado desde 1968, denomina de “acervo” o conjunto subdividido em “arquivo” (textos editados e não editados, correspondências, marginálias e notas de estudo); “biblioteca” e “coleção de artes visuais”. A denominação *arquivo literário* é geralmente usada para referir este tipo de conjunto heterogêneo de objetos reunidos e legados por escritores em seu arquivo pessoal.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

pesquisadores, e para essa apropriação ele preparou o seu arquivo². Reconhecendo a importância da preservação do patrimônio histórico e artístico do país, Mário tinha a intenção de legar ao Estado todo o material que coletasse. Plenamente cômico do valor dos documentos de arquivos pessoais enquanto fontes primárias do trabalho historiográfico, no artigo “Fazer a história”, publicado na Folha da Manhã em 1944, Mário assegura: “Tudo será posto a lume um dia, por alguém que se disponha a realmente fazer a história”³.

Enquanto outras nações *atualizavam* seu sistema de arquivo na tentativa de homogeneizar e standardizar um tempo múltiplo e culturalmente diferenciado (STEGLICH, 2015), a tentativa de Mário de Andrade, em sua prática pessoal e pública⁴, era de instituir o arquivo de um modo inteiramente original, agregando todo produto da cultura, e foi essa característica fundante que marcou o próprio estabelecimento de uma (nova) tradição - aqui não cabe o termo “invenção”, já que para Mário tratava-se justamente de catalogar o (pré-)existente⁵. O debate sobre a questão da gênese de uma tradição por meio do arquivo foi aventado em relação a Mário de Andrade, aludindo inclusive à necessidade de se levar em conta as diversas materialidades discursivas contidas no acervo e o sentido inextricavelmente político desta intenção histórica de Mário de Andrade⁶.

² Um jornalista chegou a denominar Mário “o mais organizado intelectual do Brasil” (Entrevista de Mário da Silva Brito: “Trabalhos de Mário de Andrade. O mais organizado intelectual do Brasil”. Diário de S. Paulo. São Paulo, 2 dez., 1943. (Arquivo Mário de Andrade – IEB – USP). O acervo era organizado visando também o compartilhamento. Em carta a Paulo Duarte (1977), em 23 de abril de 1943, Mário conta: “Neste momento em que lhe escrevo, 16 horas desta Sexta-Feira Santa, estou aqui cheio de universitários mineiros que vieram ver minhas coisas. Cada um está pra seu lado, mexendo em livro, lendo meus contos inéditos, mexendo na minha coleção de desenhos. São gente que veio pras Olimpíadas Universitárias e ando com a casa cheia de moços, dia e noite” (p. 190).

³ “Há muito tempo empenhava-se em reunir documentos que pudessem servir a futuros pesquisadores cientes da importância do período em que vivia: Fiel a seus propósitos de democratização da cultura, Mário nega o colecionismo particular, tantas vezes sujeito à imobilização fetichista” (MACHADO, 2005, p. 5-6).

⁴ Paulo Duarte (1977) comenta que uma das tarefas do Departamento de Cultura, do qual Mário de Andrade foi diretor entre 1935-1938, era justamente a catalogação de documentos históricos - de modo que temos aqui certamente um campo de investigação interessante das influências recíprocas entre a prática de Mário de Andrade em seu arquivo privado e sua atividade no arquivo público.

⁵ Foucault (1969) e Derrida (1995) desdobram a tematização da instauração de uma tradição por meio do arquivo.

⁶ Birman (2009), por exemplo, afirma: “/.../ na leitura que Mário de Andrade pretendeu realizar do imaginário brasileiro, transformando a nossa memória fragmentária e dispersa num arquivo propriamente dito, o que estava inequivocamente em pauta era o desejo de esculpir os fundamentos da tradição brasileira. Para explicitar tais fundamentos, necessário seria configurá-los pela mediação de diversas materialidades discursivas. /.../ Com efeito, se a compilação documental do passado brasileiro foi crucial no seu percurso

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Para compreender a prática do arquivamento é necessário examinar o produto acabado, o arquivo. Todo arquivo contém o potencial de reconstituição da história de seu tempo, é uma fonte importante de materiais de cuja análise não se pode prescindir para se encontrar novas interpretações, sejam estas da história e da cosmologia social e política, ou de obras literárias e teóricas. Os arquivos literários, por sua vez, devem ser compreendidos como infraestruturas da cultura contemporânea e como laboratórios de pesquisa, ou em outras palavras, como locais de produção de conhecimento. Mais do que um guardião que mantém o passado em sua imutabilidade e fixidez, o arquivo é local de transferência cultural e de produção de conhecimento, em que antigos problemas, cristalizados em interpretações sobre a época, seus personagens ou ideias, são iluminados, e a partir disso emergem outras questões e novos entendimentos. Estas características dos arquivos literários parecem ser tanto mais decisivas no caso dos países de passado colonial, em que a construção da memória e da identidade transfigura-se num processo complexo de transferência cultural em que a recepção, a troca e a transformação repercutem multilateralmente.

O arquivo comporta um acúmulo de conhecimento e evidências documentais, além de fornecer materiais e instrumentos para a construção de novos conhecimentos. O arquivo oferece uma *perspectiva* sobre a realidade. Do ponto de vista do arquivista, a prática do arquivamento constitui uma interferência objetiva e de amplo alcance na realidade social pregressa, pois o arquivamento realiza um recorte, uma seleção sobre o que do passado deve seguir para a posteridade; presente, em que a tomada de posição se inicia no momento da constituição do arquivo; e futura, pelo impacto do arquivo sobre as gerações seguintes que o utilizarão. Do ponto de vista do pesquisador do arquivo, esta interferência na realidade social acontece por meio da interpretação e reinterpretação do passado a partir do recorte oferecido pelo arquivo; do aquilamento e perspectivação, no presente, daqueles lineamentos sociais do passado materializados por ele; da projeção, para o futuro, destes desenvolvimentos sócio-históricos que o arquivo evidenciou.

intelectual, pretendendo realizar assim uma cartografia rigorosamente documentada da nossa memória, sem dúvida os imperativos políticos do presente e a antecipação do futuro seriam inseparáveis de seus propósitos teórico, ético e estético. Seria a brasilidade como tradição, enfim, a problemática fundamental da ampla pesquisa empreendida por Mário de Andrade” (p.197).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

É possível afirmar, portanto, que a prática do arquivamento e o arquivo literário constituem uma forma de articulação política e de fatura da história que repercutem no espaço e no tempo. No caso de Mário de Andrade, seria provavelmente revelador avaliar as consequências políticas da sua prática arquivística especialmente quanto à sua incidência na posterior produção de conhecimento no e sobre o Brasil. De modo geral, pode-se considerar que a forma como se constituíram os arquivos literários no último século e seu significado político em suas respectivas sociedades pode ser de grande valia no entendimento de como se deram as interações entre culturas históricas europeias e aquelas periféricas ao desenvolvimento do sistema capitalista, resultando numa história não eurocêntrica, perspectiva que se alinha também à preocupação recente da historiografia num mundo interdependente e interconectado.

Breve apontamento sobre o arquivo literário na teoria

O estudo sobre arquivos literários na teoria da literatura seguiu nas últimas décadas predominantemente o pós-estruturalismo francês com Michel Foucault (1969,1971) e Jacques Derrida (1995). Embora os filósofos não tenham se debruçado especificamente sobre arquivos literários, tornaram-se fecundos para sua investigação ao pressupor o arquivo (em geral) como recurso material, documental, por meio do qual o *poder* se impõe e se mantém; além de refletir sobre os critérios que levaram à coleção de determinados objetos e escritos e sua respectiva organização, também permeados pela dimensão do poder na produção e na gestão do arquivo por meio de códigos classificatórios e interpretativos (FOUCAULT, 1969; DERRIDA, 1995). Desta perspectiva, o arquivo literário permitira investigar, por exemplo, de que maneira se deu a participação ativa do artista-intelectual-ativista na construção da memória social ou coletiva (COOK, 1998)⁷. Nos últimos anos, esta perspectiva que busca conceituar a prática do arquivo de uma perspectiva genealógica e arqueológica, na linha de Michel Foucault, Jacques Derrida e também Friedrich Nietzsche, tratando do arquivo em sua

⁷ “O controle do passado, e o controle sobre a criação e preservação do passado pelos arquivos, reflete as lutas de poder do presente e, na verdade, sempre as refletiram. Isso tem implicações relevantes para os arquivistas, tanto de arquivos pessoais quanto de arquivos institucionais, e para a profissão arquivista” (COOK, 1998, p. 143).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

totalidade e significação, composição e função, vem ganhando relevo entre os estudiosos que se ocuparam, dentre outros, com o arquivo de Mário de Andrade⁸.

Na linha da historiografia intelectual, a ênfase de Wilhelm Dilthey (1959;1970) é sobre o importante papel cultural que assumem os arquivos de escritores, na medida em que preservam a memória social e a identidade histórica e, mais do que a oficina do escritor, ou exatamente por isso, eles tornam-se também laboratório de pesquisa. Deste modo, a ideia de arquivo como guardião convive com outra, potencialmente dinâmica de arquivo, que o concebe como laboratório não apenas no sentido passivo de que ele apresenta material para pesquisa, mas no sentido ativo de promover a busca por novos métodos.

O arquivista canadense Terry Cook (1997), baseando-se nas teorias de Foucault para trabalhar especialmente com arquivos administrativos, observa, entre os temas e mudanças que emergem no discurso arquivístico do último século, a transição da noção do arquivista enquanto guardião passivo e neutro de documentos para formador ativo do patrimônio documental.

O arquivo de Mário de Andrade como materialização de suas ideias a respeito do papel político da arte, do artista e do intelectual.

Ao longo de sua trajetória, Mário sempre expressou sua preocupação, seu incômodo em ser um artista apartado do mundo. Muito embora politicamente não claramente definido, e artisticamente sempre em crise sobre a completude de suas realizações, Mário sabia o que lhe faltava como artista e como indivíduo. Nacionalismo e identidade nacional, preservação da cultura e do folclore, função social da arte e papel social do artista são algumas das questões filosóficas, sociológicas, antropológicas e políticas que inquietaram Mário de Andrade durante toda sua vida. Neste diapasão, o próprio escritor declarava que havia “deformado” sua obra artística e, portanto, conformado a si mesmo, enquanto artista, a um ideário que pretendia fazer com que a arte suprisse uma carência de natureza social⁹.

⁸ MARQUES, 2007; BIRMAN, 2009.

⁹ Na entrevista “Acusa Mário de Andrade: ‘Todos são responsáveis!’”, concedida para Francisco de Assis Barbosa em 6 jan. 1944 ((Diretrizes, n. 184, p. 1), diz o autor: “Sempre fui contra a arte desinteressada.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Para mim, a arte tem de servir. Posso dizer que desde o meu primeiro livro faço arte interessada. [...] A arte tem de servir. Venho dizendo isso há muitos anos. É certo que tenho cometido muitos erros na minha vida. Mas com a minha “arte interessada”, eu sei que não errei. Sempre considerei o problema máximo dos intelectuais brasileiros a procura de um instrumento de trabalho que os aproximasse do povo. Esta noção proletária da arte, da qual nunca me afastei, foi que me levou, desde o início, às pesquisas de uma maneira de exprimir-me em brasileiro. [...] Às vezes, com sacrifício da própria obra de arte. [...] A responsabilidade do artista para com o seu público [...] esta é que é difícil, esta é que impõe mil sacrifícios (de que não é o menos doloroso, reconheço, o sacrifício de sua própria arte), esta responsabilidade é que impõe o exercício do seu não conformismo. [...] O artista não só deve, mas tem que desistir de si mesmo” (LOPEZ, 1983, p. 104-108).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



1º Leituras imprescindíveis para a dignidade do intelectual

2º O critério da proximidade

- a) proximidade do ser social (suas tendências políticas, religiosas e outras)
- b) proximidade do ser individual (suas tendências e gestos e ideias de artista)
- c) proximidade do ser vital (em princípio a arte atual deve interessar mais que a do passado)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

d) proximidade do ser étnico (em princípio a literatura brasileira deve interessar mais que a portuguesa, esta mais que a espanhola, a latina mais que a germânica, a europeia mais que a chinesa).

[‘e’] /.../ E não é possível um intelectual sem filosofia nem orientação social.”

Carta de 21/03/1942 (ANDRADE, 1993, p. 47).



A página anterior traz a planta¹⁰ da casa de Mário e a recomendação feita por ele de um plano de leitura a Fernando Sabino (Ibid.). Podemos comparar a divisão do acervo nos cômodos da sua casa à recomendação para a formação do artista e intelectual, especificamente no que se refere aos itens de “O critério da proximidade”. Vejamos:

Sala A: literatura das vanguardas (relaciona-se com o item ‘c’ do “critério da proximidade”, a saber: “proximidade do ser vital (em princípio a arte atual deve interessar mais que a do passado)”)

Sala B : música e partituras (item ‘b’: “proximidade do ser individual (suas tendências e gestos e ideias de artista)”)

Sala C : geografia e história (itens ‘a’: “proximidade do ser social (suas tendências políticas, religiosas e outras)”; ‘c’: “proximidade do ser vital /.../”; ‘d’: “proximidade do ser étnico (em princípio a literatura brasileira deve interessar mais que a portuguesa, esta

¹⁰ Extraída do documentário A Casa do Mário, 2013.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

mais que a espanhola, a latina mais que a germânica, a europeia mais que a chinesa)”; ‘e’: “/.../ E não é possível um intelectual sem filosofia nem orientação social.”)

Sala D : livros raros e livros de arte (item ‘b’: “proximidade do ser individual /.../”)

Sala E : etnografia (itens ‘a’, ‘b’, ‘d’: “proximidade do ser social /.../”; “proximidade do ser individual /.../”; “proximidade do ser étnico/.../”)

Sala F : livros de referência e etnografia (itens ‘a’, ‘b’, ‘d’, ‘e’: “proximidade do ser social /.../”; “proximidade do ser individual /.../”; “proximidade do ser étnico/.../”; filosofia e orientação social)

Sala G (porão) : revistas e jornais (itens ‘c’, ‘d’, ‘e’: “proximidade do ser vital /.../”; “proximidade do ser étnico/.../”; filosofia e orientação social)

Outros trechos de cartas de Mário a Fernando Sabino, escritas entre 1942 e 1945, são também bastante elucidativos quando as ideias aí presentes, relacionadas à arte e ao artista/intelectual, são transpostas para o que seria o papel ou significado político do arquivo de (para?) Mário de Andrade. Trazemos aqui alguns deles para expor uma despreziosa analogia, que nos limites da proposta deste texto terá necessariamente de desprezar aspectos profundos e importantes que estas passagens suscitam.

Mário de Andrade indaga em carta de 10/01/1942: “E não seria possível botar um bocado mais de *responsabilidade* humana coletiva nas suas obras?...” (Ibid., p. 18); em outra carta datada de 25/01/1942, escreve: “/.../ *o que importa não é exatamente você mas a obra de arte*. Isto é: uma forma coletiva de vida humana”; e em carta de 16/06/1943, diz ao jovem amigo:

“Hoje o que eu desejo simplesmente, além, acima do que você promete em arte é saber você, moço, vivendo. Bem entendido: como o moço revolucionário que foi arriscar a vida de novo por alguma coisa maior que o indivíduo” (Ibid., p. 76).

O arquivo pode também ser entendido como uma forma coletiva de vida humana e exige igualmente “*responsabilidade* humana coletiva” do arquivista: trata-se, evidentemente, de “alguma coisa maior que o indivíduo”.

Ainda no contexto da responsabilidade do indivíduo em relação ao todo social, e ao mesmo tempo fornecendo para nós argumentos contra qualquer ataque de mero

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

coleccionismo frívolo ou egoísta de que poderia ser alvo sua prática arquivística, Mário de Andrade assevera em 24/12/1943: “Sim, nós podemos fazer bem boazinha a nossa vida particular. Mas isso não basta.” (Ibid., p. 101).

Como fica claro na sua forma de organização, o arquivo, ainda que multifacetado, tem, tal qual a arte, uma perspectiva predominante. Em carta de 22/09/1943, afirma Mário de Andrade:

“Nem você, nem nenhum artista, *poderá nem que queira não participar*. Existem duas forças mais uma vez empenhadas em luta de vida ou de morte, digamos mais ou menos eufemisticamente: a força da coletividade e a força da chefia. Ou você não-conformistamente se inclue na coletividade ou conformistamente se vende à chefia.” (Ibid., p. 86).

O arquivo, assim como a criação artística, também se prolonga no tempo, agindo independente de seu criador, como esclarece Mário em 25/01/1942:

“Você cria um objeto que vai agir sozinho, por si mesmo, sem mais a interferência de você. Mas, sem que isto seja uma compensação propriamente, você visou, criou o elemento de eternidade. Este é o mistério bravo do destino do artista: visar a obra de arte, visar uma transcendência aleatória e problemática, que por mais que renda (aplausos, riqueza) tem outra finalidade que o rendimento, por mais desvirtuada e incompreendida visa a permanência e busca a eternidade que está implícita na obra de arte, a única coisa que tem importância pro artista verdadeiro.” (Ibid., p. 22).

Ou ainda, em 16/02/1942:

“Não se deixe desleixadamente viver como a maioria infinita dos nossos artistas brasileiros. Como eles são pobres de humanidade! /.../ São macunaimáticos, se dissolvem nos seus ‘atos’, sem realizarem uma ‘ação’, que é continuidade.” (Ibid., p. 33).

Em outra passagem, de 16/06/1943, a última que trazemos aqui, Mário de Andrade reflete sobre os desafios que o mundo impunha aos jovens da época:

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

“Como deve ser difícil ser moço neste tempo em que vivemos! Aqui sim, reconheço: deve ser muito mais difícil do que já ser da minha idade. Um futuro de que vocês serão responsáveis... Que vocês terão que fazer...” (Ibid., p. 73-74).

Como fica insistentemente explícito nestas citações recolhidas de seu epistolário, Mário de Andrade reconhece os indivíduos como ativos criadores da realidade. Assim também, a seu modo, o arquivo recolhe tijolos com os quais presente e passado foram construídos, e sobre os quais o futuro é erigido. Ao reunir em objetos a experiência humana, individual e social, de um determinado lugar e momento histórico, a prática do arquivamento e seu produto, o arquivo, transmitem o legado de uma geração anterior para a continuidade, em um novo patamar, da vida coletiva: “Você precisava de mim, perguntar coisas pra saber. E eu precisava de você, pra responder, pra dar o resultado da minha experiência, que é tão necessário como perguntar.” (Ibid., p. 74).

Segundo Antônio Candido no prefácio do livro de Paulo Duarte (1977), no Departamento de Cultura e Partido Democrático Mário de Andrade teve uma atuação de esquerda (isto é, voltada para a maioria) viabilizada pelas oligarquias ao menos até Vargas em 1937. Posteriormente, foi convidado a ser o redator do anteprojeto do SPHAN. A atuação política aparentemente tímida de Mário (excetuando na Revolução Constitucionalista de 1932) contrastava com as de outros intelectuais de seu meio, como Oswald de Andrade, que se filiou ao PCB, ou Menotti Del Picchia, filiado ao PRP - Partido Republicano Paulista, representante da oligarquia conservadora. A prática arquivística de Mário de Andrade pode ser entendida, no entanto, como uma participação política diferente, e de alcance maior, se comparada aqueles posicionamento e engajamento imediatos e explícitos de intelectuais na realidade brasileira, especialmente na década de 30, período de maturação de Mário e de inflexões sociais decisivas na história do país. Isto porque o arquivo do escritor, instituído no sentido de forjar uma identidade, memória e tradição históricas do Brasil, incidiu não apenas na criação intelectual e artística de Mário de Andrade, mas no trabalho de pesquisadores e intelectuais que lhe sucederam, influenciando diretamente na compreensão do passado, do presente e das possibilidades de futuro brasileiros e, mais ainda, de sua especificidade no contexto global. Além disso, o arquivo de Mário de Andrade certamente oferece elementos que permitem compreender

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

a tensão e a tentativa sempre reiterada de conciliação entre o projeto estético e o projeto ideológico de seu criador (LAFETÁ, 1974).

Como afirmou Walter Benjamin (2006), a história é a história dos vencedores, sendo assim, só existe na medida em que conta a reprodução das oligarquias no poder. Em 1930, as elites estavam em disputa (MICELI, 1984; 2001; 2003), e Mário lutou em prol daquela parte da oligarquia paulista que desde a década anterior buscava modernizar-se, inclusive culturalmente (e que por isso patrocinou a Semana de Arte Moderna), ao mesmo tempo que abria espaço para políticas “de esquerda” (DUARTE, 1977), ou seja, voltadas para a maioria. Não é de se estranhar, portanto, que Mário tenha sido simpático ao comunismo. Sobretudo em momentos como o da implantação do Plano de Avenidas do futuro prefeito Prestes Maia, que assume a prefeitura em 1938, período em que se inicia a ditadura do Estado Novo e a mentalidade do colonizador mais uma vez prevalece e se reproduz na elite brasileira. O processo de urbanização de São Paulo é exemplo de assimilação de ideias de metrópoles europeias que se materializam de um jeito todo especial na ex-colônia: pulando etapas, ignorando a história e a própria geografia, num processo que poderia ser muito propriamente denominado de autofágico. Ao querer reproduzir ricas cidades estrangeiras (como bem apresenta o documentário *Entre Rios*, 2009), a elite vencedora privilegiou uma malha urbana que violentava a geografia da cidade, encanando seus rios, com o intuito de estabelecer amplamente os automóveis, em detrimento, portanto, de outros meios de locomoção, como as hidrovias e as ferrovias. Esta elite venceu a disputa pelo poder perpetrando violência real e simbólica na ânsia por copiar um modelo exógeno de modernidade.

Num contexto de crise e recrudescimento dos aspectos mais destrutivos do capitalismo, com o aumento da pobreza e da destruição do meio ambiente, revisitar Mário de Andrade da perspectiva de seu arquivo poderia iluminar práticas e posições políticas de ontem e de hoje, bem como suas consequências em diversos níveis sociais. O arquivo é um recurso valioso inclusive no sentido de esclarecer as contradições do próprio Mário, que, se existiram, lhe foram transmitidas, e portanto, de algum modo, reproduzidas. Se de um lado Mário foi condicionado (e, portanto, foi limitado e limitou-se, mesmo contra suas próprias intenções) pela “elite do atraso”, como denominou com propriedade Souza (2017), podendo até mesmo tê-la ajudado a perpetuar-se intelectualmente, por outro lado,

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

orientou seu arquivo de modo revolucionário¹¹, propondo nada menos do que restabelecer a história brasileira incluindo tudo e todos que lhe dissessem respeito.

Bibliografia

ANDRADE, Mário de. **Cartas a um jovem escritor**. De Mário de Andrade a Fernando Sabino. 3. ed. São Paulo: Record, 1993.

BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte: UFMG; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BIRMAN, Joel. **Tradição, memória e arquivo da brasilidade: sobre o inconsciente em Mário de Andrade**. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, n.1, p.195-216, jan.-mar. 2009.

COOK, Terry. **What is Past is Prologue: A History of Archival Ideas Since 1898, and the Future Paradigm Shift**. Archivaria, [S.l.], fev. 1997. Disponível em: <http://archivaria.ca/index.php/archivaria/article/view/12175/13184>. Acesso em: 24 jun. 2019.

_____. **Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno**. Revista Estudos Históricos, vol.11, p. 129-150, 1998.

DERRIDA, Jacques. **Mal d'archive: une impression freudienne**. Paris: Galilée, 1995.

DILTHEY, Wilhelm, 'Archive der Literatur in ihrer Bedeutung für das Studium der Geschichte der Philosophie' (Ende 1889a). Gesammelte Schriften. Bd. 4., p. 555–575. Stuttgart: Teubner, 1959.

_____. 'Archive für Literatur' (Anfang 1889). Gesammelte Schriften. Hg. Ulrich Herrmann. Bd. 15. p. 1–16. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1970.

DUARTE, Paulo. **Mário de Andrade por ele mesmo**. São Paulo: Hucitec, 1977.

Feres, Nites Therezinha. **Leituras em francês de Mário de Andrade**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros/USP, 1969.

¹¹ “Não resta dúvida de que Mário de Andrade assume uma posição ética e política diante da brasilidade e que ela se desdobra numa postura que é, no mínimo, rebelde e principalmente subversiva no que tange ao arquivo da brasilidade. Com efeito, sua postura é marcadamente ‘anticolonialista’, e esse pressuposto delineou a direção de sua leitura sobre a brasilidade” (BIRMAN 2009: 206).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

- FOUCAULT, Michel. **L'archéologie du savoir**. Paris: Gallimard. 1969.
- LAFETÁ, João Luiz. 1930: A crítica e o modernismo. 2. ed. São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2000.
- LOPEZ, Telê Ancona (org.). **Mário de Andrade: entrevistas e depoimentos**. São Paulo: T.A. Queiroz, 1983.
- MACHADO, Márcia Jaschke. **Manuscritos de outros escritores no Arquivo Mário de Andrade: perspectivas de estudo**. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.
- MICELI, Sergio. **Intelectuais à brasileira**. 2a reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MICELI, Sergio. **Estado e Cultura no Brasil**. São Paulo: Difel, 1984.
- MICELI, Sergio. **Nacional estrangeiro: história social e cultural do modernismo artístico em São Paulo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MARQUES, Reinaldo. **O arquivo literário como figura epistemológica**. Matraca, Rio de Janeiro, v.14, n. 21, p.13-p.23, jul./dez. 2007.
- SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato**. Rio de Janeiro: Leya, 2017.
- STEGLICH, Sina. **Verlust der Zeit in der Vielfalt der Zeiten und die Suche nach der ein(end)en Zeit**. 29/10/2015. In <https://19jhdhip.hypotheses.org/2479>. Acesso em 24/07/2019.

Documentários

- A Casa do Mário**. (IEB, FAU-USP) 2013. In Vimeo. <https://vimeo.com/135681787/description> Acesso em 06/08/2021.
- Entre Rios**. 2009. In Vimeo. <https://vimeo.com/14770270/description> Acesso em 06/08/2021.